

# ENTRE A DOCÊNCIA, A ESCRITA E A PESQUISA: notas do processo de escolarização de Juracy Marques

## BETWEEN TEACHING, WRITING AND RESEARCHING: notes on the process of learning and teaching of Juracy Marques

*Marlos Tadeu Bezerra de Mello<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O trabalho objetiva conhecer um pouco sobre a trajetória de escolarização e docência da professora Juracy Cunegatto Marques, cuja prática ocorreu na esfera pública e privada em escolas e universidades. O texto evidencia a atuação de Juracy no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE/RS) e na *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*. A análise se sustenta na perspectiva da História Cultural e utiliza a metodologia da História Oral e da Análise Documental. Destaca-se no conjunto de análises a transferência de Juracy de Itaqui para Porto Alegre, a formação na Escola Normal em Santa Maria, o intercâmbio nos Estados Unidos e as estratégias de promoção da psicologia na educação.

**Palavras-chave:** História da educação. Revista do Ensino. Bolsa Fulbright.

**ABSTRACT:** This paper aims to show the trajectory of the education and the teaching work of professor Juracy Cunegatto Marques, whose practice has taken place in public and private spaces, at schools and universities. The text points out the work of Juracy at the Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE/RS) [Center for Educational Research and Adviserhsip] and at the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*. The analysis is based on the perspective of Cultural History and uses methodologies from the fields of Oral History and Documental Analysis. The transition from Itaqui to Porto Alegre, the studies at the Escola Normal [Teacher Training School] in Santa Maria, the exchange in the United States and the strategies for the promotion of psychology in education are focused in the analysis.

**Keywords:** History of education. Revista do Ensino. Fulbright scholarship.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a história da educação no Rio Grande do Sul. Para tanto, registram-se aspectos do itinerário de escolarização e docência da professora Juracy Cunegatto Marques,

que foi professora primária e alfabetizadora, atuou no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais<sup>2</sup> (CPOE/RS) e na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul<sup>3</sup> e, depois, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS).

<sup>1</sup> Jornalista e Psicólogo. Especialista em Psicologia Social, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: marlos.mello@ufrgs.br.

<sup>2</sup> O CPOE era um órgão da Secretaria Estadual da Educação que intervinha diretamente na organização do ensino, na formação dos professores, na orientação das atividades didático-pedagógicas das escolas do Estado e na função normativa da rede pública de ensino (PERES, 2000). Foi possível precisar melhor o papel do CPOE na escolarização no Rio Grande do Sul a partir do contato com a pesquisa desenvolvida por Quadros (2006), pois o autor demonstrou que os discursos do setor relativos a uma educação racional e científica, dos modos de preparar e de instituir identidades pessoais e profissionais aparecem como evidências no planejamento, na articulação e na estruturação do sistema educativo gaúcho.

<sup>3</sup> A Revista do Ensino é considerada um periódico pedagógico. A imprensa pedagógica é composta por informativos, jornais, blogs, boletins, sites, revistas etc., editados por professores para professores, que contêm e/ou oferecem perspectivas para a compreensão de aspectos que envolvem a escolarização tanto no presente quanto no passado (BASTOS, 1997), pois “o estudo sobre a imprensa periódica especializada pode trazer elementos extremamente úteis para a compreensão histórica do sistema de ensino e colocar novas questões acerca da *cultura escolar brasileira*” (SOUZA; CATANI, 1994, p. 178, grifo original).

O presente espaço de escrita se constrói por meio da investigação e da análise de documentos orais transcritos e textuais e se fundamenta na perspectiva da História Cultural. Essa abordagem histórica pressupõe e ao mesmo tempo reforça uma maneira inédita de compressão de significados culturais simbólicos tanto em condutas pessoais quanto em ações coletivas. São interpretações que, distintas uma da outra, em alguns aspectos se confundem, porém se identificam verdadeiramente convidando o agente a pensar sobre suas próprias práticas, ou seja, sobre os sentidos que envolvem as ilações conscientes e os determinantes desconhecidos que norteiam a elaboração narrativa-interpretativa e a dinâmica interativa entre o texto, o autor e o seu leitor (CHARTIER, 2005).

Para compreender e narrar aspectos do itinerário de escolarização e da docência da professora Juracy Cunegatto Marques, destaco que os documentos para compor o cenário empírico da pesquisa foram buscados em arquivos das bibliotecas da UFRGS e da PUC/RS e em acervos pessoais da própria Juracy e de seus familiares. Tais documentos, apresentados ao longo do texto, foram tomados como traços, marcas, recordações e produções pessoais e coletivas de uma determinada época, isto é, do período entre os anos de 1930 e 1970, como indícios, e não como provas, como construções possuidoras de sentidos, significados, direções e relações humanas, isto é, “um conjunto de circunstâncias históricas” (SMITH, 2012, p. 29).

A presente pesquisa foi pensada, planejada e executada em três etapas concomitantes: a primeira pela busca e coleta de materiais nos arquivos das bibliotecas e nos acervos. Nessa procura, foram localizados 32 artigos publicados por Juracy Marques na Revista do Ensino, bem como a entrevista para a referida revista em 1959, 15 livros publicados, seis obras traduzidas do inglês para o português, 12 relatórios de pesquisas coordenadas pela professora Juracy, 73 artigos publicados em periódicos científicos entre os anos de 1968 e 2011 e uma entrevista concedida a Lucídio Bianchetti e publicada em 2005 na Revista Brasileira de Educação sobre o início da Pós-Graduação em Educação no Rio Grande do Sul e no Brasil.

O segundo passo para a continuidade da pesquisa foram o contato e o diálogo oral com a professora Juracy Marques. Para a realização da entrevista, inspirei-me no trabalho de George Gaskell (2008) e preparei um tópico guia, cobrindo os temas centrais e as perguntas sobre a trajetória de escolarização e docência da entrevistada. A conversa foi gravada na íntegra e durou cerca de 2 horas e 15 minutos.

O primeiro tópico da interlocução foi o meu agradecimento à professora Juracy por ter concordado em falar comigo e um pedido para gravar a sessão, o qual foi imediatamente aceito. Logo em seguida, mostrei a cópia da entrevista que ela havia concedido à Revista do Ensino em 1959 e pedi que me falasse sobre aquele período. Juracy me pediu um instante, leu em silêncio a cópia e, depois, muito gentilmente, agradeceu-me por ter trazido aquela recordação. Em seguida começou a me contar a sua história desde quando começou a estudar e lecionar, as dificuldades que enfrentou e as conquistas que a vida lhe oportunizou. Por fim, para a construção narrativa-interpretativa, optei por destacar ao longo do texto os momentos sinalizados por Juracy como os mais importantes da sua história profissional, pois a escrita baseada na abordagem histórica e cultural pode e deve oferecer “a melhor e mais provável explicação do passado que pode ser amparada pelas evidências” (SMITH, 2012, p. 42).

## **2 OS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO**

Juracy Cunegatto Marques nasceu em 9 de janeiro de 1931 na cidade de Itaqui, na região noroeste do Rio Grande do Sul, onde atualmente está localizado o município de Porto Lucena. Foi criada por seu pai e sua mãe com mais cinco irmãos. Conforme relatou na entrevista, os pais não tiveram grandes oportunidades de estudar, mas a educaram de acordo com os princípios religiosos e querendo que os irmãos se ajudassem uns aos outros. Outra característica relatada por Juracy foi o incentivo à escolarização por meio do ingresso no ginásio das Irmãs Teresianas em Itaqui. Ela afirma:

Na escola eu sempre fui muito estudiosa, procurava realmente me dedicar a entender o que as professoras religiosas ensinavam. Era uma época diferente e para receber o diploma de conclusão do curso eu precisei viajar até o Alegrete para prestar um exame, no qual fui aprovada com distinção (MARQUES, 2015, p. 5).

No período em que Juracy estudou, ainda era comum que o destino das mulheres na sociedade fosse, sem dúvida, a maternidade e o lar, isto é, a esfera da atuação feminina era até então doméstica. Mas, excepcionalmente, começava-se a admitir dentro dos setores mais conservadores a atividade profissional fora do lar para as mulheres que precisavam trabalhar, e, nesta iniciativa, o magistério primário despontava como uma opção (LOURO, 1986). Pois,

[...] concluído os primeiros estudos, eu precisava decidir o que iria fazer da minha vida e foi a minha mãe que me disse que eu deveria descobrir se

havia outros cursos para poder continuar estudando e quem sabe me tornar professora, como as Irmãs da escola. Assim, fiquei sabendo que existia em Santa Maria o Instituto de Educação Olavo Bilac que era dedicado à formação das Normalistas e por esse motivo me mudei para uma pensão onde moravam estudantes em Santa Maria (MARQUES, 2015, p. 5).

O Instituto de Educação Olavo Bilac (IEOB) foi fundado em 1901 para ser uma escola modelo para a formação de homens e mulheres, mas consolidou-se como uma instituição preponderantemente feminina, porque desde 1931 não contava mais com a presença de discentes do sexo masculino (MONTAGNER; CUNHA, 1997). Dessa época, Juracy recorda:

A escola em Santa Maria<sup>4</sup> era muito boa e também muito difícil, não sei se para mim que vinha de uma cidade menor, de uma escola bem mais humilde, mas hoje eu consigo avaliar que eram muito discrepantes as duas realidades escolares, do ginásio das Irmãs Teresianas e do Instituto de Educação Olavo Bilac, e que, na época, eu me esforcei muito para me formar professora (MARQUES, 2015, p. 5).

### **3 A MUDANÇA PARA PORTO ALEGRE**

Após concluir o curso de normalista em Santa Maria, a professora Juracy Marques resolveu prestar um concurso para lecionar em escolas no Rio Grande do Sul. Ela afirma:

Quando me candidatei, eu lembro que eram mais de 800 candidatas de todo o Estado para não sei quantas vagas, mas na época não existia o concurso como uma prova, como é hoje. Naquela época, uma comissão especial de Porto Alegre é que avaliava todo o nosso histórico escolar, eu penso que era uma espécie de análise de perfil profissional, e com isso eles nos designavam para as escolas que estivessem com vagas em aberto, ou com falta de professores. Eu fui classificada por essa comissão em 16º lugar. As 10 primeiras colocadas podiam escolher para qual escola com vagas em aberto gostariam de ir, no meu caso não pude escolher e fui designada para trabalhar em Morretes, na região de Gravataí, próximo de Porto Alegre (MARQUES, 2015, p. 5).

A primeira atuação de Juracy Marques como professora alfabetizadora ocorreu na década de 1940 em Morretes, lecionando em uma escola para crianças que eram os filhos dos trabalhadores de uma fábrica

de cimento, “para chegar à escola eu precisava ir de balsa, isso de manhã bem cedo e depois no final da tarde novamente pegava a balsa e voltava para Porto Alegre” (MARQUES, 2015, p. 3).

Depois de algum tempo trabalhando na escola em Morretes, Juracy recebeu a notícia de que sua mãe havia falecido em Itaqui e que as suas irmãs menores precisavam ficar aos seus cuidados. Diante dessa situação, foi necessário o aluguel de mais um quarto na casa onde estava morando desde que se havia mudado para Porto Alegre, para que suas irmãs pudessem vir para a capital do estado. Nessa situação, Juracy recorda:

Alegando ter de cuidar das minhas irmãs, eu consegui transferência para uma Escola Estadual Experimental que estava sendo criada em parceria com o Serviço Social de Menores (SESME) do Rio Grande do Sul e que ficava mais perto de Porto Alegre, no caso, em Viamão. Essa escola tinha como objetivo principal prestar atendimento às crianças abandonadas, com deficiências físicas e mentais etc., nos dias de hoje poderiam ser chamadas de crianças em situação de vulnerabilidade social, mas que na época eram de classes populares e que tinham sido consideradas pelas escolas ou professoras anteriores como portadoras de alguma irregularidade física, mental, social etc. (MARQUES, 2015, p. 3).

Em seu relato, a professora Juracy chama a atenção para o fato de que cada criança chegava à escola experimental acompanhada por um documento, uma espécie de prontuário que cada profissional, professor, médico, enfermeiro etc., deveria preencher diariamente até a saída da criança da instituição. Porém, Juracy justifica:

O meu trabalho era com as crianças que tinham deficiências, qualquer tipo de deficiências. Foi nessa escola que eu comecei a me interessar pelos assuntos relacionados à psicologia, pois percebi que vários alunos sentiam uma grande carência, mas que não era só uma carência material, era principalmente uma carência afetiva, de cuidado, de carinho. Nas reuniões com os outros profissionais e com a direção da escola o tema principal era: como vamos curar essas crianças? Eu estava começando naquela escola, naquele espaço que estava composto por profissionais com grande experiência, porém, na minha modesta caminhada, já não concordava que o meu trabalho tinha que ser “curar” qualquer criança (MARQUES, 2015, p. 3).

---

<sup>4</sup> Dentre os conteúdos estudados na Escola Normal, a professora Juracy destaca: psicologia educacional, métodos de alfabetização e para iniciação das crianças em conhecimentos gerais, biologia educacional, higiene e estágios.

Durante o tempo em que atuou na escola experimental, Juracy relata ter procurado conversar com as suas colegas professoras sobre formas de oportunizar carinho as crianças, “eu as escutava e brincava com elas, inclusive, com o meu salário comprava lanches, brinquedos, calçados e até roupas, ou o que fosse possível para alegrá-las” (MARQUES, 2015, p. 3). Nesse mesmo período, recorda que recebeu da Secretaria da Educação uma bolsa para viajar até Buenos Aires (Argentina), de avião, para participar de um curso sobre a formação de grupos para trabalhar com as crianças com deficiência.

Juracy lembra que os bons resultados do seu trabalho na escola experimental e no curso em Buenos Aires oportunizaram um convite para trabalhar diretamente dentro da SESME em Porto Alegre. Neste serviço, coordenava atividades para formação de professoras que estavam trabalhando com crianças com deficiências em escolas de todo o estado. Em seu relato, recorda também que atuava em ações com outras secretarias do governo visando promover junto às professoras uma estratégia para melhorar o acolhimento das crianças com deficiências e que, para aperfeiçoar esse trabalho, precisava voltar a estudar. Conforme afirma:

Passados alguns meses de trabalho na SESME percebi que precisava voltar a estudar para poder contribuir melhor com as escolas, com as famílias e com as crianças. Então ingressei no curso de pedagogia do Instituto de Filosofia na Universidade do Rio Grande do Sul<sup>5</sup>. No entanto, a questão dos horários do curso e a dedicação que exigia me fizeram pedir transferência da SESME para algum outro setor em que eu pudesse continuar trabalhando, mas que ao mesmo tempo também pudesse estudar (MARQUES, 2015, p. 4).

O acolhimento do pedido de transferência da professora Juracy por parte da Secretaria da Educação permitiu que ela chegasse ao CPOE, que se caracterizava pela orientação técnico-pedagógica dos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul (CPOE, 1947).

Assim cheguei ao CPOE, setor em que eu tive um imenso prazer em trabalhar pelo próprio incentivo de estar lidando com a formação de professores, viajando para as cidades do interior e, particularmente, escrevendo para a Revista do Ensino. Até então, eu escrevia apenas para mim mesma, naquilo que me interessava, mas no CPOE eu pude

aprender como era escrever para quem nos lê sem nos conhecer, isto é, a escrever para pessoas desconhecidas, principalmente professoras que muitas vezes só tinham a Revista do Ensino como material pedagógico. Então aquilo tinha um peso, ou melhor, uma importância incalculável para mim, pois eu percebi essa responsabilidade quando viajava para as missões pedagógicas no interior e as professoras aproveitavam para tirar dúvidas e me perguntar sobre os artigos, ao mesmo tempo em que me pediam sugestões. Em diversos momentos procurei escrever na Revista do Ensino respondendo as perguntas que me tinham sido feitas nas reuniões e palestras e que eu não havia respondido naquele momento por não ter tido tempo de pensar direito na resposta. Ou seja, naquela época o significado do tempo era diferente e a Revista me oportunizava responder as dúvidas, levantar questões, quase como se fosse responder uma carta, um e-mail, nos dias de hoje, mas que levava dias, meses, porém com grande satisfação (MARQUES, 2015, p. 4).

A professora Juracy Marques escreveu 32 artigos para a Revista do Ensino entre os anos de 1957 e 1962. Nesse período, participou da elaboração dos boletins e dos relatórios anuais do CPOE e das pesquisas, seminários e missões pedagógicas realizadas pelo setor, como também colaborou na publicação de livros, materiais didáticos e documentos oficiais, por exemplo, os “Novos Rumos para a Escola Normal: a reforma, suas exigências, diretrizes gerais”. Tratava-se de uma edição especial publicada pela Secretaria da Educação divulgando e reforçando a implantação das bases para o ensino normal fixadas pela Lei n. 2.588, de 25 de janeiro de 1955. Nas décadas de 1950 e 1960, a professora Juracy integrou a organização dos primeiros congressos de professoras primárias que estavam ocorrendo em todo o Brasil.

No período em que trabalhou no CPOE, Juracy Marques compôs a equipe que ajudou na confecção da Revista Infantil Cacique, publicação também da Secretaria da Educação, atuando como consultora especial para assuntos relacionados à psicologia e à aprendizagem.

A fim de dar a conhecer e propiciar uma organização visual quantificada e qualificada dos artigos publicados por Juracy Marques na Revista do Ensino, foi colocado abaixo um quadro organizado especialmente com o título de cada texto e o mês/ano de cada publicação.

<sup>5</sup> Trata-se da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1934, foi instalada com o nome de Universidade de Porto Alegre pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1947, foi renomeada Universidade do Rio Grande do Sul e, em 1950, sua administração foi transferida para a esfera da União (MOREIRA, 1955).

**Quadro 1:** Artigos escritos por Juracy Cunegatto Marques – Revista do Ensino

Minha cidade, um século de história.	Junho/1957.
O ambiente de classe.	Abril/1958.
Como preparar uma bibliografia.	Abril/1958.
Relações humanas: o que esperam de nós?	Agosto/1958.
Relações humanas: como estimulamos nossos alunos?	Setembro/1958.
Relações humanas: qual o significado da convivência na escola?	Outubro/1958.
Alguns tipos de trabalho em grupo para técnicos, diretores e professores.	Novembro/1958.
Desenvolvimento da criança de escola primária: a) aprendizagem e desenvolvimento; b) desenvolvimento físico e motor.	Abril/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: desenvolvimento linguístico.	Maiço/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: desenvolvimento intelectual, social e emocional.	Junho/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: desenvolvimento sexual.	Agosto/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: desenvolvimento moral e religioso.	Setembro/1959.
Desenvolvimento de interesses.	Outubro/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: desenvolvimento da autoexpressão.	Novembro/1959.
Desenvolvimento da criança de escola primária: a personalidade bem desenvolvida.	Novembro/1959.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: ensinando para o desenvolvimento pessoal.	Junho/1960.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interpessoais, diferenças individuais.	Agosto/1960.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: ajustamento social.	Setembro/1960.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interpessoais, motivação do comportamento.	Outubro/1960.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interpessoais, excitação e ansiedade.	Novembro/1960.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interfamiliares, posição na família.	Março/1961.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações familiares, ciúmes entre irmãos.	Abril/1961.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interfamiliares, situações difíceis.	Maiço/1961.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interfamiliares, dar e receber.	Agosto/1961.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações interfamiliares, sentimento de grupo.	Setembro/1961.
Relações humanas, relações interpessoais.	Outubro/1961.
Relações humanas, algumas atitudes fundamentais.	Novembro/1961.
Escolas para o Rio Grande.	Novembro/1961.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações intraindividuais, aceitação de si mesmo.	Março/1962.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações intraindividuais, reações frente ao medo.	Abril/1962.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações intraindividuais, consecução de objetivos.	Maiço/1962.
Pré-adolescência – algumas aprendizagens fundamentais: relações intraindividuais, características da pré-adolescência.	Junho/1962.

Fonte: Quadro elaborado com base na pesquisa realizada.

Sobre os artigos publicados na Revista do Ensino, a professora Juracy afirma:

Dos meus escritos na Revista do ensino, os responsáveis pela editora Globo de Porto Alegre, que im-

primam a Revista, me procuraram para saber se eu tinha interesse em reunir alguns artigos e escrever outros para que fossem publicados em um livro. Num primeiro momento fiquei preocupada, assustada pela dimensão do trabalho, mas pensando sempre no meu

compromisso com a escola, com as minhas colegas professoras e com as crianças, acabei por aceitar o convite dos editores. Assim, comecei a trabalhar para escrever os artigos pensando no livro. O primeiro se chamou “Ensinar não é Transmitir”, e eu considero a minha melhor obra, pois foi a que eu escrevi pensando cada palavra nas professoras e nos estudantes e nessa relação sempre muito complexa, isto é, o que eu queria mostrar, e essa continua sendo a minha reflexão, é a importância do aprender, ou seja, eu continuo insistindo que a aprendizagem é fundamental porque, se a pessoa aprender todos os dias alguma coisa, se ela está aberta para aprender todos os dias, ela já está cumprindo a sua missão na vida. Eu ainda considero que há uma grande resistência em muitas pessoas sobre a vontade do aprender, alguns por medo, outros por preguiça talvez, mas, de fato, não ousam enfrentar a complexidade que é o aprender (MARQUES, 2015, p. 4).

#### 4 O INTERCÂMBIO NOS ESTADOS UNIDOS

Nesse mesmo período, no final da década de 1950, mais precisamente no ano de 1958, os governos brasileiro e estadunidense haviam formalizado um acordo de cooperação cultural entre o Brasil e os Estados Unidos, com o objetivo de promover uma oportunidade especial para professores de todos os níveis, pesquisadores e estudantes poderem vivenciar realidades distintas em cenários escolares diferenciados em estados dos dois países americanos. Tal intercâmbio era organizado e acompanhado pela Comissão Educacional dos Estados Unidos da América no Brasil, chamada posteriormente de *Fulbright Commission*, por ser a concessionária das bolsas para estudos. Uma das primeiras professoras selecionadas e beneficiadas por esse programa foi Juracy Marques, que assim relatou a sua participação:

Naquela época a bolsa foi oferecida ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Das professoras que atuavam no CPOE, eu era uma das mais jovens, não era casada e não tinha filhos. Outra questão é que nenhuma das professoras falava inglês, nem eu na verdade, mas eu vi nessa viagem também uma oportunidade para aprender. Então, a partir daquele dia, que ainda faltava um pouco para a viagem, eu comecei a estudar inglês. Pela urgência da situação, estudava em todas as horas do dia possíveis e de madrugada, com fones de ouvido, escutava as fitas em inglês. Até a viagem foram seis meses estudando diuturnamente o inglês, e, quando cheguei aos Estados Unidos, tive mais um mês de orientação em inglês (MARQUES, 2015, p. 2).

O Jornal do Brasil, um dos principais veículos de comunicação da época, noticiou e apresentou o nome das 19 professoras brasileiras beneficiadas pelo programa *Fulbright* de Intercâmbio Cultural. Conforme se lê a seguir:

Figura 1: Bolsistas Fulbright



Fonte: Bolsistas Fulbright (Jornal do Brasil, 1958, p. 13)

O fato do intercâmbio cultural entre os Estados Unidos e o Brasil receber atenção do Jornal do Brasil demonstra que realmente se tratava de uma situação inédita e importante, tendo em vista que no último parágrafo da notícia há a informação de que as intercambistas estariam levando, para suas viagens, materiais sobre o Brasil com o objetivo de realizar uma boa propaganda do país no exterior. Outro informe ressaltado é que as professoras estariam viajando para lugares específicos e com os temas a serem estudados já direcionados. Por

exemplo, Juracy Marques deveria observar a administração escolar nas escolas secundárias.

Durante a entrevista, a professora Juracy relatou algumas características de bastidores dessa que foi a sua primeira viagem aos Estados Unidos, tendo em vista que tudo era novidade tanto para ela quanto para as outras professoras que também haviam sido beneficiadas pelas bolsas de estudos. Nesse sentido afirma:

Uma das peculiaridades dessa viagem é que dentro dos Estados Unidos viajávamos de trem para visitar os locais dos cursos e as escolas. Outra novidade, é que nós ficávamos hospedadas em casas de famílias, em que naturalmente o governo norte-americano pagava para as famílias nos recepcionarem. Mas eu tenho a impressão de que na época também era uma novidade para as famílias estadunidenses estarem recepcionando estrangeiros em suas casas, pois quando chegávamos às casas, parecia que eles estavam recebendo uma espécie de “bicho raro”. Outra família muito simpática e alegre que nos recebeu nessa viagem e que nos hospedou foi um casal de indianos que só comiam com as mãos, não tinham talheres na casa (MARQUES, 2015, p. 2).

Após retornar ao Brasil, Juracy Marques concedeu uma entrevista a Corália Porto, redatora da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, especialmente para a coluna “Falam os Educadores Brasileiros”<sup>6</sup>. Nessa oportunidade, a professora Juracy contou o que mais a impressionou no intercâmbio. Nesse sentido, apresentou o fato de as escolas norte-americanas desenvolverem pesquisas observando a conveniência de o professor primário ser do sexo masculino e sobre a descentralização da escolarização, isto é, a liberdade que o governo concedia para o ensino, sendo este muitas vezes comunitário e organizado por pequenos grupos e com grandes variedades de conteúdos decididos pelos pais e professores das escolas.

De acordo com Juracy, a experiência nos Estados Unidos havia sido inspiradora, mas “para que os padrões brasileiros de ensino se tornassem eficientes,

seria necessário primeiro a aprovação de medidas legais concretas para a escolarização no Brasil” (MARQUES, 1959, p. 10). Com relação a esse último trecho, Juracy apontava para o espírito da época, no qual havia um debate colocado por educadores e intelectuais sobre a necessidade de um texto constitucional específico, com diretrizes e bases próprias para a educação nacional.

**Figura 2:** Entrevista Revista do Ensino



Fonte: Marques (1959, p. 8)

Juracy Marques frisou também, em sua entrevista a Revista do Ensino, que ficou surpresa com a riqueza do material pedagógico ofertado nas escolas estadunidenses. Segundo ela, este seria o grande fator de diferença entre as escolas brasileiras e as norte-americanas, pois, nas suas palavras:

Há mesmo líderes da educação americana que dizem não existir razão para a escola não ser tão aparelhada quanto o lar americano. Ele (o professor) recebe assistência material e técnica da Superintendência de Ensino a qual pertence, das associações profissionais às quais está ligado, bem como de empresas e instituições particulares que de uma ou de outra maneira estão relacionadas à escola. O professor dedica-se séria, arduamente e integralmente às suas tarefas diárias (MARQUES, 1959, p. 10).

Outro ponto apontado por Juracy que merece um aprofundamento é a questão salarial dos professores estadunidenses no final da década de 1950, Segundo ela, os docentes estabeleciam contratos próprios e recebiam de acordo com as suas negociações. Logo, a definição de salários ocorria muitas vezes pelo rendimento de cada professor, isto é, sob a crença de que os

<sup>6</sup> Tratava-se de umas principais colunas da Revista do Ensino. Oportunizou diálogos com educadores de várias partes do Brasil. Alguns dos entrevistados foram: Lourenço Filho, Alceu Amoroso Lima, Pierre Weil e outros.

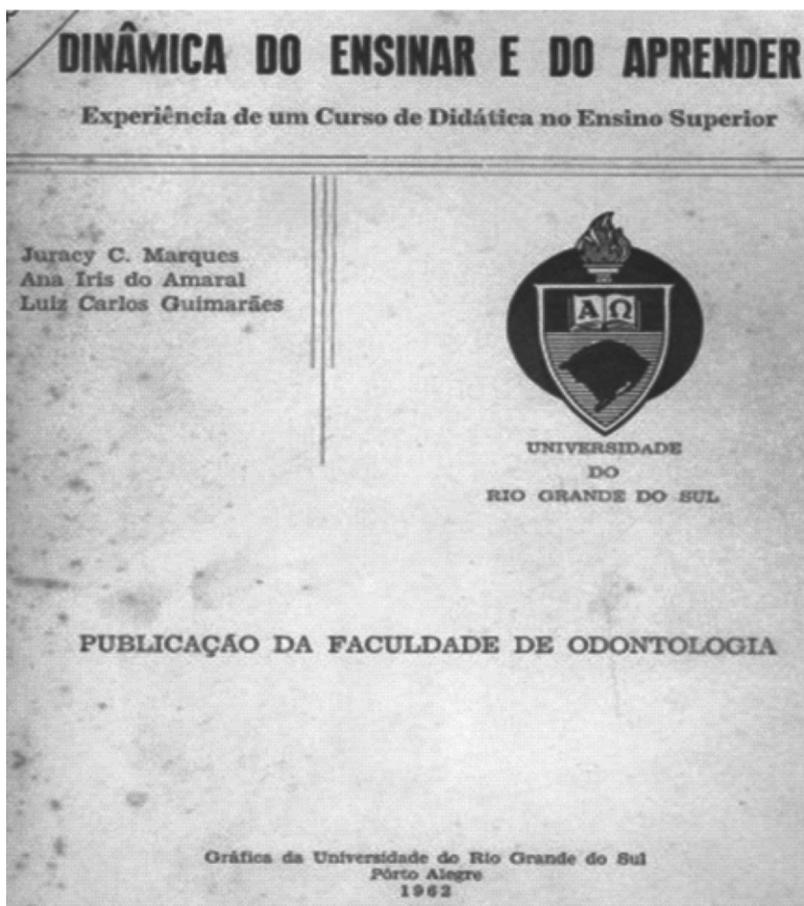
valores progressivamente mais elevados conduziam a uma maior eficiência no trabalho de ensinar. Conforme Juracy, nas escolas que visitou, havia sempre uma ficha para avaliação dos professores que incluía entre os seus critérios: “personalidade, preparação técnica e resultados alcançados junto aos alunos” (MARQUES, 1959, p. 10).

### **5 DO CPOE PARA A UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL**

No início da década de 1960, Juracy havia concluído o curso de pedagogia e estava terminando a habilitação em filosofia. Continuava trabalhando no CPOE, escrevendo para a Revista do Ensino e lecionando psicologia no Colégio Americano em Porto Alegre. Mas toda essa situação se modificou quando, nesse mesmo período, recebeu um novo convite da Secretaria da Educação do Estado para dedicar-se exclusivamente ao trabalho na Universidade do Rio Grande do Sul, atuando juntamente com a professora Graciema Pacheco nos cursos de preparação em didática e técnicas de ensino para os docentes que já atuavam na universidade. Para Juracy, “era uma espécie de reciclagem para os professores que não tinham formação em docência. Assim eles poderiam melhorar a sua atuação em sala de aula, principalmente no trabalho com os alunos” (MARQUES, 2015, p. 6). Sobre essa primeira experiência lecionando didática na universidade, Juracy afirma:

A primeira turma a finalizar o curso de didática foi a da Faculdade de Odontologia em 1962 e, no final daquele ano, eu e outros professores publicamos um livro em conjunto. Foi a minha primeira experiência de escrever um livro na Universidade e com outros professores, pois no CPOE escrevíamos textos, normativas, resoluções em equipe, mas a publicação de um livro era uma novidade, ainda mais sobre a dinâmica do ensinar e do aprender, que foi o título que dedicamos à obra e que durante algum tempo serviu de manual para os cursos de aperfeiçoamento (MARQUES, 2015, p. 6).

**Figura 3:** Livro Didático



Fonte: Acervo histórico da biblioteca da FACED/UFRGS

Este primeiro Curso de Didática no Ensino Superior teve uma importância fundamental na vida pessoal de Juracy Marques, pois foi nessa oportunidade que conheceu Paulo Pereira Louro Filho que atuava como professor catedrático da Faculdade de Odontologia da universidade e se tornou seu marido. Nessa mesma época, Juracy foi desligada do CPOE, mas continuava com atividades dentro da Secretaria da Educação, pois, até então, a URGs era em parte do Estado e “várias professoras, inclusive do CPOE, como eu, por exemplo, transitávamos nesses espaços em comum e promovíamos ações em conjunto. É o caso dos seminários para formação de professores que organizávamos em Porto Alegre” (MARQUES, 2015, p. 6). Juracy, em seu relato, afirmou que sempre procurava atuar na organização dos seminários de ensino de psicologia, pois era o setor em que trabalhou por último dentro do CPOE. Nesse sentido, participou da composição dos seminários em 1958, 1959, 1960 e 1962. O foco

dos painéis durante os cursos deveriam abordar os fundamentos do sistema de educação do Rio Grande do Sul, o dinamismo do psiquismo humano e o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Juracy, os seminários promovidos pelo CPOE em parceria com a universidade reuniam em média mais de 100 docentes de várias escolas e regiões do Rio Grande do Sul e duravam cerca de 5 ou 6 dias. A organização das palestras era temática, e os professores classificados em grupos e subgrupos para leitura e discussão prévia dos textos. Ao final de cada seminário, o CPOE organizava um relatório<sup>7</sup> que deveria ficar à disposição para os interessados com o conteúdo que havia sido tratado nas palestras e conferências. Sobre a sua participação, Juracy Marques comenta:

Nesses primeiros anos na Universidade, a minha principal função consistia em dar aulas nos cursos de aperfeiçoamento para professores e fazer uma ponte com a Secretaria da Educação, com o CPOE, para organizar cursos, painéis, seminários, palestras para formação de professores do Estado. No caso, eu representava a Universidade na organização desses painéis, e a professora Itália Faraco representava o CPOE. A professora Itália era do setor de ensino de psicologia do Centro de Pesquisa e atuava no Instituto de Educação aqui em Porto Alegre lecionando estudos psicológicos, também havia viajado aos Estados Unidos, não na mesma oportunidade que eu, e também escrevia para a Revista do Ensino (MARQUES, 2015, p. 6).

## **6 A LIVRE-DOCÊNCIA E O PÓS-DOCTORADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

No momento histórico em que Juracy estava atuando na Universidade, não eram comuns cursos de mestrado ou doutorado. A própria profissão de psicólogo estava em processo de reconhecimento por meio da aprovação e sanção da Lei Federal n. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Tal legislação determinava os aspectos principais para a formação em psicologia em níveis de bacharelado e licenciatura. Dessa forma, a regulamentação da profissão oportunizou que fossem criados cursos de graduação em psicologia, e o primeiro a ser fundado e a receber o parecer de reconhecimento, Decreto n. 55.849 de 19 de março de 1965 do Ministério da Educação, no Rio Grande do Sul, foi o da Pontifícia Universidade Ca-

tólica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no qual a professora Juracy passou a atuar em 1963.

Posteriormente, atuando como psicóloga clínica e lecionando na URGS e na PUCRS, Juracy Marques candidatou-se a Livre-Docência em Psicologia da Educação no Instituto de Filosofia da URGS e, aspirando à homologação do título defendeu em 1966 a Tese intitulada: “O questionário de ansiedade normal de Likken em adolescentes masculinos e femininos”. Participaram da comissão julgadora do seu trabalho os professores: Álvaro Magalhães, catedrático de História e Filosofia da Educação da URGS; Oscar Machado da Silva, catedrático em Psicologia da Educação da URGS; Padre Antonius Benko, diretor do Instituto de Psicologia da PUCRJ; Arrigo Leonardo Angelini, catedrático de Psicologia da Educação da USP; e Pedro Parafita de Bessa, catedrático de Psicologia da Educação da UFMG (MOREIRA; HESSEL, 1967, p. 60). Logo em seguida, após obter o título de livre docente em Psicologia da Educação, Juracy Marques fundou o Serviço de Orientação Psicopedagógica (SOP) na URGS. Tal setor pretendia a realização de pesquisas interdisciplinares com estagiários (alunos de graduação) de várias áreas do conhecimento, por exemplo: pedagogia, psicologia, ciências sociais, economia, contabilidade, administração. Segundo Juracy, o SOP era organizado em duas frentes, uma de atendimento e a outra para estudos e pesquisas.

Durante esse mesmo período, entre os anos de 1968-1969, Juracy retornou aos Estados Unidos, passados quase 10 anos depois de ter viajado pela primeira vez, porém, dessa vez, casada e com filhos, e Paulo Louro Filho, marido de Juracy, assim classificou a oportunidade:

Juracy, já então Docente-Livre em Psicologia, pela terceira vez recebia o convite para fazer seu Pós-Doutorado na Universidade de Stanford, com uma bolsa da Fulbright Foundation. Das duas primeiras vezes o estado de gestação dos filhos foram as desculpas para retardar em aceitar o convite (LOURO FILHO, 2009, p. 9).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O final da década de 1960 e o início da década de 1970 trouxeram novidades para a URGS, pois, com a reforma universitária estabelecida em 1968, algumas mudanças se concretizaram. Por exemplo, a URGS passou

---

<sup>7</sup> A professora Juracy me emprestou o relatório do seminário de 1962, cujos principais temas debatidos foram: o currículo para o ensino de psicologia na escola normal – Professora Graciema Pacheco; Aspectos Dinâmicos do interrelacionamento entre professor-aluno – Dr. Marcelo Baya Peres; Anatomia do Sistema Nervoso – Dr. Paulo Contu; Aspectos dinâmicos da aprendizagem – Dr. David Zimmermann; Conscientização de problemas educacionais através da análise do rendimento da aprendizagem – Professora Lucy Monteiro; Atuação do setor de orientação psicopedagógica do CPOE junto às escolas primárias – Professora Suelly Aveline; experiências realizadas em classes especiais – teste do jogo – Professora Branca Elmira Guerra; entre outros (CPOE, 1962).

a se chamar UFRGS, e o Conselho Universitário aprovou a criação da Faculdade de Educação (FACED) que somente começou a funcionar em 1970, quando Roberto Fachin foi designado diretor *pro-tempore* da Faculdade. De acordo com Juracy Marques, o professor Fachin chegou a FACED com uma missão estabelecida em dois pontos: “1) estruturar os departamentos da nova unidade acadêmica; e, 2) incentivar a criação de um curso de pós-graduação em educação, pois as outras universidades do país começavam a avançar nesse aspecto, e a UFRGS não poderia ficar para trás” (MARQUES, 2015, p. 7).

Juracy Cunegatto Marques teve um papel fundamental na criação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, mas este poderá ser tema para um próximo trabalho. Pois, da sua experiência profissional e do seu processo de escolarização, escrita e pesquisa, fica uma profunda mensagem de incentivo aos novos pesquisadores de assuntos educacionais: “[...] a chave da questão é aprender a gostar de aprender, é fazer da própria vida uma busca incessante por novos e distintos saberes, sempre procurando através da pesquisa contribuir com a sociedade por meio do conhecimento, por intermédio da dúvida e das perguntas” (MARQUES, 2015, p. 10).

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino no Rio Grande do Sul (1951-1992). In: \_\_\_\_\_.; CATANI, Denice Barbara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 47-75.
- BOLSISTAS Fulbright. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 26 ago. 1958.
- CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS. Atribuições e atual organização do CPOE. **Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947, p. 9-10.
- CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS. IV Seminário de Psicologia. **Setor do Ensino de Psicologia – Seção de Psicologia**. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1962.
- CHARTIER, Roger. **El presente del pasado: escritura de la historia, historia de lo escrito**. México: Universidad Iberoamericana, 2005.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 65-89.
- LOURO FILHO, Paulo Pereira. **Ata da 1100ª sessão solene do Conselho Universitário da UFRGS**. Porto Alegre: CONSUN/UFRGS, 2009. 273 f. Disponível em: <[http://www.acgo.org.br/revista/noticias/louro\\_ufrgs/ata\\_louro\\_ufrgs.doc](http://www.acgo.org.br/revista/noticias/louro_ufrgs/ata_louro_ufrgs.doc)>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul**. Campinas: UNICAMP, 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.
- MARQUES, Juracy Cunegatto. **Entrevista oral sobre a trajetória de vida e docência no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 5 set. 2015 (não publicado).
- \_\_\_\_\_. Falam os educadores brasileiros. **Revista do Ensino**: Porto Alegre, n. 65, p. 8-10, nov. 1959.
- MONTAGNER, Rosângela; CUNHA, Jorge Luis. **Imagens normalistas**. Campinas: HISTEDBR, 1997. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab081.rtf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab081.rtf)>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- MOREIRA, Earle Diniz Macharty; HESSEL, Lothar Francisco. **Faculdade de Filosofia: 25 anos de atividade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1967.
- MOREIRA, Roberto. **A escola elementar e a formação do professor primário no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1955.
- PERES, Eliane Teresinha. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959)**. Belo Horizonte: UFMG. 506 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SMITH, Roger. A história da psicologia tem um objeto? In: ARAÚJO, Saulo (Org.). **História e filosofia da psicologia**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, p. 15-56.
- SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (USP)**, São Paulo, n. 37, p. 177-183, 1994.